



Água Viva

© Dirceu W. Ramos – 2009





*“Nenhuma guerra é santa.
Nenhum segredo é sagrado”*

Dirceu W. Ramos



Meu primeiro contato com o futuro

não foi via Internet ou coisa que o valha. Foi numa tarde em que havia tido uma grave discussão e resolvera sair da casa de meus pais. Chovia muito e eu culpava a Deus o fato de chover, como o culpava por tudo que naquele dia houvesse de errado.

- Minha casa não é pensão Pedrinho!

- Mas é só por uma noite...

Com o Agri nunca fora fácil. Ele era uma pessoa de convivência complicada e sempre fico imaginando como consegui me relacionar com uma pessoa tão diferente de mim. Acho que o futuro dispõe de excelentes paginadores.

Fiquei na calçada, em frente a casa dele.

Como faz frio nesta época do ano...

- Desculpe Pedrinho, eu ando meio estressado, mas você sabe como eu sou. Não deixo ninguém entrar em casa, mas vou ficar aqui fora com você.



- Grande solidariedade, não? (rebatu)

- Grande folga, não? (devolveu)

Trouxe consigo uma garrafa de pinga. Detesto pinga e ele sabia disto. Faz muito frio nesta época do ano... O gosto é terrível mas ajudou muito.

Ele estava tenso. Havia algo errado acontecendo e eu percebi. De repente começou a me contar uma história estranha sobre, segundo ele, um cientista maluco que havia inventado uma arma que tinha a capacidade de exterminar a raça humana sem afetar as construções. Ponderei que já tinha ouvido falar sobre isto e...

- Deixe de ser besta, Pedrinho. Eu nem acabei de falar, caramba!

É, realmente ele estava nervoso.

A novidade era que após a detonação um gás mortal penetraria o corpo das pessoas e elas simplesmente desapareceriam. Não ficaria nem cheiro, nem dente, nem corpo. Nem alma?

- Nossa Agri, isto é muito perigoso. Porque este sujeito lhe contou isto?

- Não sei e é exatamente isto que me preocupa.

- Como? Ele lhe contou isto a toa?

- Não é bem assim. Vamos até o sótão que eu lhe conto o resto.

A casa do Agri era uma verdadeira bagunça, mas o sótão... Aquilo brilhava mais que azulejo de dona de casa prendada. Ali havia



de tudo. Tubos de ensaio, livros de química,
física, matemática e discos. Discos demais.
De Mozart à Xororó.



Tudo começa quando Agri e Mel

foram acampar. Mel era uma garota que o Agri tinha o péssimo hábito de chamar de vaquinha, mas não era nada disto, eles apenas saíam as vezes e iam acampar, preferencialmente em praias desertas onde pudessem ficar, como diária Mel, nus em pelo. Estavam dentro da barraca quando repentinamente alguém a abre. Mel tenta se cobrir. Agri, meio macho, meio não, nada disse. Convenhamos, não dá pra dizer muita coisa para um sujeito três maior que a gente que, simplesmente ergue a barraca e diz: SE MANDA SENÃO A BARRA VAI PESAR! Era muito tarde. Agri não teve como argumentar, afinal, o cara deveria ser mesmo grande, porque o Agri era enorme. Arrumaram as coisas e começaram a sair. - A GAROTA NÃO! Danou-se. Agri ainda tentou dissuadi-lo e levou um tiro na mochila. Bye, bye garrafa



térmica.

Saiu correndo.

No alto de uma das rochas do lugar, havia uma luz muito intensa. Estava escuro e Agri tinha, como vantagem, o fato de estar usando aquela roupa de couro preto que eu tanto invejava. Roupa de motoqueiro. Foi então em direção a luz e notou ao longe que o grandalhão também se encaminhava para lá com Mel pendurada no ombro. Teria matado a menina? O que será que fez à ela?

Agri escondeu-se e aguardou que ele subisse e entrasse naquilo. Quando Agri subiu não havia mais indicio da luz ou coisa parecida. Ficou um bom tempo rastreando a rocha até que começou a ouvir alguns ruídos, foi se sintonizando até onde o barulho aumentava, então usou o truque de minha mãe quando quer ouvir briga de vizinho. Pegou um copo, virou a boca para a rocha e colocou o ouvido no fundo: Uma voz metálica e estranha, falou pra uma voz baixa e submissa que aquele não era exatamente o tipo de mulher que precisava para sua experiência. A voz mais baixa contou a respeito do Agri e a voz metálica lhe disse que este sim, seria ideal para uma outra experiência que aquela voz submissa já sabia qual. Foi então que a voz submissa teve a feliz idéia de matar nossa curiosidade perguntando o que ele deveria fazer com a mulher.

Agri não ouviu a resposta, nem ouviu mais



nada, só um zumbido enquanto acordava numa sala estranha, cheia de aparelhos eletrônicos. Porém, ele não estava preso, levantou e tentou sair, mas a porta dava acesso à outra sala. Mel...

Ela estava sentada de olhos arregalados, mas não via nada. Agri ainda sentia fortes dores de cabeça. Chacoalhou Mel e nada, ela nem se movia. Nisso o grandão entra na sala acompanhado de um nanico de voz metálica.

- Olá rapaz! (era o nanico)

- (Agri não respondeu)

- Retire-se Merk, eu cuido disto.

O Grandão se arrancou resmungando.

- Sabia que é feio ficar escutando pelas paredes menino?

- Sabia que é feio raptar os outros nanico?

- Cuidado com a língua rapaz. Quer tirar a diferença?

Agri não sabia o que fazer.

- Venha. Pode vir. Me dê um murro!

Agri se aproximou.

- Bata vamos, bata no meu rosto com força!

Agri vacilou. Será que ele é masoquista?

- Estou mandando me dar um murro!

Agri não deu um murro. Deu vários. O nanico nem se moveu, nem saiu do lugar, nem nada e olha que o Agri é bem grande. Passaram-se uns quinze segundos e o Agri teve uma espécie de choque de 220 volts no corpo todo, sem encostar-se a lugar algum.

O nanico estourou de rir.

- Já vi que você não é muito crente daquele historia de que tamanho não é documento. O nanico chamava-se Propovisky e era mesmo russo só que não tinha sotaque nenhum, o que já era bem estranho. Mel estava em estado de choque.

- Porque? (perguntou Agri)

- Porque nós colocamos em seu cérebro milhares de informações sobre a ciência moderna. Dentro de algumas horas, quando ela acordar do transe, sem que perceba, estará dominando boa parte da ciência humana.

- E para que isto?

- Porque a partir de agora ela nos auxiliará em nossas experiências.

- Que experiências?

- Extermínio da raça humana atual. Através dela formaremos uma nova espécie, uma nova raça humana.

- Noé nanico?

- É. Você é atrevido, mas não é burro. Noé sim, mas sem animais irracionais. Somente gente e muito pouca gente.

- O que vocês pretendem fazer comigo?

- Por enquanto nada.

Agri ficou dias lá e ninguém deu por falta dele porque não tinha ninguém pra dar por falta dele e também porque ele ficava mesmo muitos dias quando acampava.

Mel não voltou com ele. Ficara com Propovisky, o russo nanico.



- E que papo é este da bomba Agri?
(perguntei confuso)
- Cientificamente é o único método de extermínio coletivo sem causar danos ao resto. Eu suponho que ela já esteja pronta.
- Mas como supõe? Você me disse que...
- Eu não disse nada, ele é quem me disse sobre a bomba.

E o nanico também disse ao Agri que ele só deveria dizer isto a mais uma pessoa e esta pessoa a quem ele dissesse, passaria a fazer parte do bolo de sobreviventes, digamos assim.

- Logo eu?

.-

Uma vez um cara achou que tinha que mudar o mundo, que mundo que é mundo tinha de ter muita árvore e que árvore que é árvore tem de ter muita água pra regar. Então ele começou a furar o asfalto que asfalto é que estraga o mundo e nos buracos que ele furava de madrugada, plantava sementes de árvores. Baobás, coqueiros, laranjeiras, etc. Só que as sementes nem chegavam a crescer e tapavam os buracos. Ele se encheu daquilo e ficou de tocaia para ver quem é que tapava os buracos. Viu que era caminhão de prefeitura e prefeitura é lei e lei é lei. Foi à lei. "Entrada Proibida". Entrou mesmo assim que afinal a causa era justa e era justo que a justiça o ouvisse que estavam cometendo

crimes contra a natureza e natureza é lei divina e lei é lei. Mas a lei não o ouviu. A lei estava ocupada demais com os papéis e a gente sabe que papéis vem dos troncos das árvores e sem árvores nem papéis, não há lei e, pombas, lei é lei.

Ele não plantou mais árvores, porque se elas crescessem mesmo contra a vontade da lei, eles às cortariam para encher as mesas da lei de papel. Comprou um vídeo game porque ele achava gostoso matar o tempo matando a lei no jogo de vídeo game e não é tão gostoso matar a lei fora do vídeo e ele foi preso. Ele e suas sementes. Ele encheu o pátio do presídio com suas sementinhas e pátio de presídio com árvores crescendo a gente sabe que é esquisito e é esquisito quando a gente sabe que é preso que está plantando e eles sempre acham que é pra fugir e a borracha da lei dói que lombo de gente não é igual a lombo de cavalo e fica vermelho e machucado e a gente sabe que gente não é pra ficar pendurada num pau com mãos e pés amarrados não dá pra coçar e coçar é fogo quando quem coça é arame pontudo que dá choque forte num corpo com água gelada igual de geladeira e a gente sabe que carne de gente não é que nem de açougue que fica no freezer e a gente sabe que é ruim ficar na gaveta do IML que nem indigente quando não é e ninguém é porque todo mundo tem nome e ele também tinha um e não se sabe qual, mas se sabe que



só queria mudar o mundo, pra melhor. Pra melhor?

--

- Afinal, o que isto tem a ver? (perguntei ao Agri)

- É o que eu queria saber...

Nem tudo acontece por acaso. Nem tudo. Não teria a menor graça. Porque eu? E porque não?